

Entrevista com Luiz Felipe Pondé

A entrevista aqui apresentada foi realizada por ocasião do V Seminário de Mística Comparada, organizado pelo Núcleo de Estudos de Mística Comparada do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, sob a coordenação do Prof. Dr. Faustino Teixeira. O evento ocorreu no Seminário da Floresta, em Juiz de Fora (MG), nos dias 13,14 e 15 de novembro de 2006. Após dois dias de intenso debate acerca do tema da mística o filósofo, Prof. Dr. Luiz Felipe Pondé, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, generosamente nos concedeu esta instigante entrevista. Nas páginas seguintes, as leitoras e os leitores da *Sacrilegens* poderão deleitar-se com o modo profundo e ao mesmo tempo despojado com que o entrevistado aborda temas que vão desde a relevância dos estudos da mística até questões relacionadas à afirmação da Ciência da Religião como área acadêmica no Brasil, sem esquecer da problemática epistemológica presente nesses estudos. Além disso, o professor Pondé nos revela passagens interessantes, e mesmo surpreendentes, da sua trajetória pessoal no terreno da mística.¹

Ana Lúcia Cordeiro
Editora

Paulo Roberto Cardinelli Webler
Co-editor

¹ Esta entrevista foi transcrita, na íntegra, pela editora e pelo co-editor da revista.

Ana Lúcia Cordeiro – Professor Pondé...

Luiz Felipe Pondé – Olá!

Ana Lúcia Cordeiro – Olá! Em primeiro lugar eu e Paulo gostaríamos de agradecê-lo, em nosso nome e em nome da revista *Sacrilegens*, por aceitar nosso convite para esta entrevista.

Luiz Felipe Pondé – Interessante, uma revista chamada *Sacrilegens*...

Ana Lúcia Cordeiro – Leitura do sagrado. Essa idéia surgiu devido à criatividade do nosso primeiro editor, nosso colega Arnaldo Huff Jr, que batizou a revista com esse nome.

Paulo Roberto Webler – Fizemos uma eleição e o nome escolhido foi esse.

Luiz Felipe Pondé – Poderia quase virar sacrilégio. (*risos*)

Ana Lúcia Cordeiro – Bem, professor, nós gostaríamos que o senhor falasse um pouco sobre sua trajetória acadêmica. Em primeiro lugar, sobre sua passagem da medicina para a filosofia. Depois, quando já estava inserido nos estudos filosóficos, sobre como surgiu seu interesse pela mística.

Luiz Felipe Pondé – Então... A minha passagem da medicina para a filosofia foi até razoavelmente tranqüila, levando-se em conta o que estava em jogo. Eu digo isso porque, eu já tinha tido um primeiro momento de dúvida com relação à medicina quando eu estava no segundo ano. Porque, assim... Eu fui parar na medicina sem pensar muito. Vinha de família de médicos. A minha irmã já era médica, meu pai, meu avô. Eu gostava muito de biologia e entrei na medicina, assim, sem pensar. Mas, logo no começo eu comecei a perceber que eu tinha interesses que não batiam com os interesses dos colegas e com o que era discutido em sala de aula. Eu lembro sempre de uma experiência que para mim ficou muito simbólica, ainda no primeiro ano, quando numa aula de imunologia, a gente estudava casos hipotéticos de câncer, e eu perguntei para um professor como é que os pacientes viam o fato de que eles estavam indo em direção ao nada. E o professor me respondeu: “O senhor está na sala errada, o senhor deveria estar numa aula de filosofia”. E eu escutei isso e achei esquisito, porque me parecia óbvio que um médico teria que levar em conta uma coisa como essa; como continuo achando até hoje. Apesar de que depois do curso médico você

percebe que é necessário que o médico tenha uma objetividade que às vezes deságua em reificação do humano. As condições de trabalho que você passa, que você vive, são tão ruins, a pressão é tão grande, que às vezes a objetificação do humano acontece, como é o próprio método científico. Mas, bom... Aí eu entrei numa crise e fui para Israel morar num kibutz e voltei de lá praticamente casado. Voltei para a medicina. Não tive coragem de abandonar o curso. Eu só tive coragem de abandonar o curso quando a expectativa de ter que fazer residência e viver em hospitais me convenceu de que eu deveria parar. Eu já tinha percebido que eu não tinha vocação. Os plantões me davam sono, as discussões eram chatas, eu não gostava de hospital. Mas quando eu estava lá por volta do terceiro ou quarto ano eu apostei na idéia de que talvez eu pudesse ser psicanalista. Então eu comecei a fazer formação em psicanálise, porque eu tinha gostado das disciplinas psicologia médica, psiquiatria. Então eu comecei a fazer formação em psicanálise freudiana e lacaniana, e isso, bom... Isso levou uns oito anos da minha vida. Mesmo depois de abandonar a carreira eu continuei estudando psicanálise, quando eu já sabia que a clínica não me interessava. Então o que aconteceu foi que quando eu decidi estudar, a fazer a graduação em filosofia, a decisão para mim já era tranqüila. Não tive problemas, minha mulher concordou plenamente. Ela entendia o que estava acontecendo. No que eu dei muita sorte, porque eu não acho que é evidente você casar com um médico e acordar com um filósofo, não é? Não é uma coisa evidente. Ainda mais quando a gente já tinha um filho. Mas foi tranqüilo, sem traumas. A minha certeza àquela altura era tão grande que eu simplesmente fui feito um louco em direção à formação em filosofia. E aí fiz mestrado, doutorado, pós-doutorado....

Paulo Roberto Webler – Mas, de alguma forma, desse estudo da medicina ficou alguma coisa? Eu digo isso porque já li diversas abordagens suas sobre a questão da ética médica.

Luiz Felipe Pondé – Sem dúvida alguma. Hoje eu já fiz as pazes com a medicina. Fiz as pazes com a medicina no sentido de que eu percebo claramente que a formação médica dá para você uma visão de mundo que nenhum outro curso dá. Hoje eu sou mais capaz de me sentir integrante da racionalidade médica, do

mundo médico, muito mais do que quando eu estava na faculdade ou quando eu estava tentando acertar ser médico. Hoje eu percebo que a formação médica para mim já é uma visão concreta da realidade muito maior do que os cursos de ciências humanas. Então, eu tenho normalmente uma certa ojeriza à metafísica, o que é uma tendência. Uma ojeriza à abstração muito, assim... muito galopante, que você percebe nos médicos, e que eu tenho. Hoje o meu filho está passando para o sexto ano de medicina. Quer dizer, a maldição da família continua. *(risos)* Só que ele está fazendo oncologia, ele adora o curso.

Paulo Roberto Webler – Não foi falta de avisá-lo.

Luiz Felipe Pondé – Não foi falta. Ele adora! Mas ele adora a coisa! E, assim... Na medida em que ele foi avançando no curso eu fui percebendo que ele e os amigos dele... Às vezes a gente assenta à mesa, os amigos dele vão lá em casa e a gente começa a falar de medicina, quer dizer... É uma coisa que ficou, não é? Então, eu retomo a conversa com ele e ele fala para mim dos remédios, de como é que as coisas andam, de como é que é o plantão. Inclusive a minha mulher, no começo dizia: “Lá vem de novo essa medicina!” *(risos)* E a minha filha, que tem 14 anos, reclama muito porque a gente começa a falar de medicina. Porque o médico é assim, não é? O médico chega em casa e diz: “Hoje tive um caso interessante no hospital”. Quando ele fala isso, você sabe que o cara está morrendo. *(risos)* É um caso assim, um tumor super bonito! *(risos)* E o paciente está morto ou quase. Mas o tumor é maravilhoso! *(risos)* Então, isso ficou uma tendência a uma visão muito concreta do ser humano. Antes de tudo o ser humano é um ser frágil. Não é? Obscenenamente frágil e que parece que está querendo mentir sobre isso o tempo todo. Eu acho que essa percepção minha vem muito, seja da formação médica, seja da formação psicanalítica freudiana, que também tem uma visão do ser humano como muito frágil. Então ela está sempre presente. Inclusive o livro meu que está no prelo da EDUSP para sair em algum momento do ano que vem, que se chama “Do Pensamento no Deserto”, que são uma série de nove ensaios, o primeiro ensaio é exatamente sobre o meu percurso e como eu assimilo a medicina. Aonde foi parar a medicina? E ela está aí sempre.

Ana Lúcia Cordeiro – E com relação à filosofia? Quais foram os autores que mais marcaram sua formação nesta área?

Luiz Felipe Pondé – Quando eu saí em direção à filosofia e senti que eu não iria ser médico, que eu não queria a carreira, não fiz residência, não fiz especialização, quer dizer, acabei fazendo psicanálise e naquele momento eu achava que estava fazendo especialização. Mas só que a psicanálise acabou de me mandar para o banco de filosofia. Quando eu comecei a estudar Freud, as perguntas que eu fazia, o Lacan também, uma vocação filosófica muito grande tem o pensamento do Lacan... Eu fui estudar filosofia no começo ainda pensando que eu iria continuar a ser analista, que eu iria ser analista, clinicamente falando. Mas na medida em que eu fui me aprofundando na filosofia eu conheci Nietzsche, eu comecei a estudar Nietzsche, aí eu não voltei mais para a psicanálise. Quer dizer, continuei estudando, mas não voltei mais para a idéia de que iria clinicar. Então, na minha entrada na filosofia, o primeiro autor que me marcou foi Nietzsche. E o Nietzsche está presente até hoje no meu pensamento, quer dizer, o que eu admiro no pensamento do Nietzsche é a coragem de não produzir nenhuma teoria que alivia a condição humana. Eu identifico o Nietzsche como, uma das várias virtudes que ele tem é essa virtude. Quer dizer, a crítica dele à religião como sentimento de certa forma me vacinou definitivamente com relação a qualquer idéia do tipo: Deus tem que existir porque senão a vida não tem sentido. Parece-me que esse tipo de pressuposto é um pressuposto absolutamente falso. Porque, se a existência de Deus está submetida a que a vida do ser humano tenha sentido, esse Deus é uma piada. Deus tem que existir independente de se tem sentido ou não. Eu acho que a pior entrada que pode haver numa reflexão sobre a religião é a entrada que é levada pela mão do “Deus tem que existir para a vida ter sentido”. É claro que se Deus não existe, a vida não tem sentido, porque também eu não acredito nessas tentativas de produzir sentido para a vida a partir de publicidade da divindade humana. Eu falo muito isso no curso de bioética porque eu acho isso muito risível. Eu acho isso muito risível essa tentativa de transformar a divindade humana numa plataforma publicitária. Bom, então eu fiz filosofia e a minha formação em filosofia foi marcada pelo Nietzsche e pelo

ceticismo. Foram duas tendências que percorreram toda a minha formação em filosofia. Eu fiz cursos optativos que falavam do Nietzsche e que falavam do ceticismo grego e do ceticismo moderno, seja do Montaigne, seja do Pascal, que não é tão cético. Acabei fazendo doutorado sobre o Pascal. Eu vinha, então, de uma percepção médica da fragilidade do ser humano e de uma formação científica que permanecem até hoje. Da formação científica à epistemologia foi um passo, uma caminhada tranqüila. E na filosofia, depois da psicanálise com Freud e Lacan, dois autores que têm uma visão trágica do ser humano, veio o Nietzsche, que é um outro autor que tem uma visão trágica do ser humano. E o ceticismo grego, que é a ala mais radical da epistemologia, na qual você aprende a duvidar de tudo. Então, essa é uma formação pela qual eu fui naturalmente desaguando numa formação em filosofia da ciência, em epistemologia. Aí, no mestrado, no final do curso, eu entrei em contato mais pontual com a Escola de Frankfurt. Então eu comecei a estudar Adorno, Horkheimer, Benjamim. Nunca tive vocação para o marxismo. Eu achei o marxismo bonito na faculdade, mas sempre duvidei. Eu sempre vi o marxismo como metafísica. Como eu vejo até hoje. Essa idéia de ter uma classe, de que existe uma relação entre a infraestrutura e a superestrutura que eu possa de fato provar. Talvez justamente por conta da formação em ciência dura, como a gente diz, eu nunca vi o marxismo como científico. Eu sempre achei que aquilo era uma especulação, *wishful thinking*, sabe? Cheia de desejo de que seja verdade. Bom, mas a Escola de Frankfurt me chamou atenção pela reflexão deles com relação à modernidade. A idéia de que o iluminismo tinha fracassado, de que o pensamento tinha morrido em Auschwitz, de que a ciência era um fracasso. Isso teve um impacto grande para mim, no sentido de que a ciência, a tecnologia e o projeto moderno... Eu vinha de uma crença no progresso, que é uma coisa que é um pouco difusa. Todo mundo acredita no progresso com se fosse algo evidente, quando ele na realidade só é evidente na velocidade do avião e do computador. O resto... É claro, tem encanamento, antibiótico... Mas, assim... A idéia de que o mundo hoje é evidentemente melhor do que era há mil anos... Eu não acho nem que a gente possa dizer que antes era melhor. Eu acho que a idéia da comparação já é falsa.

Paulo Roberto Webler – Pelo fato de o senhor ser oriundo de uma cultura judaica, essa questão de Auschwitz também já devia estar, de alguma forma, presente.

Luiz Felipe Pondé – Sim, é claro. Existe um livro de um autor chamado Zygmunt Bauman, um sociólogo judeu, que discute como uma certa classe de judeus no começo do século XX... Ele está falando exatamente isso... Gente como Freud, gente como Marx, gente desde o século XIX, a Escola de Frankfurt, Kafka. Determinados judeus que começam a dizer: “Olha, o capitalismo, a modernidade, a sociedade administrável, ela está dando errado, ela produz alienação, o progresso não vai a lugar nenhum.” Então, de fato, Auschwitz acaba se constituindo como a comprovação daquela dúvida que vinha crescendo dentro cultura judaica, de uma certa cultura judaica. Aquela idéia de que o judaísmo ficou marcado por uma desconfiança profunda com relação ao mundo. O que às vezes é péssimo, porque parece simplesmente um discurso meio lamuriento, o tempo todo. Aí, bom... O que aconteceu é que eu fui fazer mestrado e acabei não fazendo na Escola de Frankfurt, porque eu me interessei pela crítica do pensamento eficaz, especificamente, e acabei indo para o Bergson. E o Bergson é um autor que fala na sua última obra do tema da mística. Eu era absolutamente ateu, mas não aquele tipo de ateu que é ateu porque o ateísmo foi uma conquista da razão. Eu acho que o ateísmo não é uma conquista da razão. E a razão não consegue provar o ateísmo, assim como não consegue provar Deus. Mas eu era um ateu, assim, num sentido de que eu era ateu assim como eu gostava de pizza. Para mim era uma coisa meio evidente. Eu era absolutamente indiferente na realidade. Meu pai tinha sido ateu durante muitos anos, e comunista, como quase toda a geração dele. Então para mim o judaísmo era absolutamente distante, do lado da minha mãe, totalmente sem importância no dia a dia, uma família assimilada. Eu tinha uma relação com Israel porque o meu avô sempre falou muito de Israel, tanto que eu fui para Israel. Então a minha relação era mais com Israel enquanto país, conhecer o kibutz, como era a sociedade, essa coisa. A religião para mim não significava nada. Aí eu fiz o mestrado na crítica da eficácia, nessa idéia muito ainda influenciada pela minha formação em psicanálise, a idéia de

como a demanda da eficácia adocece os seres humanos. Então eu fiz um mestrado em epistemologia, mas criticando a fundamentação de uma sociedade baseada no sucesso. E tem aí uma crítica ao utilitarismo, à ética utilitarista. Isso hoje em dia me é muito útil nesse debate da bioética porque eu percebo que a única ética que existe é o utilitarismo, o resto, tudo é mentira. A prática utilitarista funciona. É interessante, porque eu me lembro quando eu estudava o Bergson, a última obra dele era sobre mística, eu dizia para o meu orientador, o Franklin: “Esse negócio aqui não me interessa”. Eu até entendo, eu tive que ler o livro dele, eu até entendo o argumento que ele diz, que no fundo a única forma de atitude na vida que é totalmente fora da demanda de eficácia é a experiência mística, mas para mim não significava nada. Aí eu acabei o mestrado e fui para o doutorado. A minha intenção no doutorado era estudar as condições trágicas do ser humano, o pessimismo. Então eu já tinha estudado muito o Freud, aí eu consegui uma bolsa sanduíche para a França. Eu fui para a França morar dois anos e na França acabei me aprofundando no Pascal. E aí o que aconteceu? O que aconteceu comigo e o que me levou a estudar mística foi porque eu comecei a ter aquilo que a tradição chama de visitas de Deus. Eu comecei a ter experiências místicas. De uma hora para a outra eu comecei a perceber determinadas coisas, ou tomar consciência, desde o começo de uma forma muito clara. E para mim isso era uma coisa muito tranqüila porque eu não tinha nenhum preconceito, eu não tinha nada na minha história pessoal que dissesse “não, isso é alguém querendo fazer isso com você, ou aquilo querendo fazer isso com você”. Eu comecei a ter umas experiências religiosas, principalmente na França, enquanto eu estava lá. É claro que a leitura do Pascal deve ter sido muito importante. Tanto que eu abandonei todo o projeto e fiquei só em cima do Pascal, acabei escrevendo sobre o Pascal. Mas no espaço de dois anos eu comecei, cada vez mais, meio que escorregar para esse assunto. O que aconteceu foi o seguinte: essas experiências religiosas, essa sensação, só depois eu comecei a descrever isso como visitas de Deus, na medida em que eu fui estudando. Então eu fui estudar mística para saber o que estava acontecendo comigo.

Paulo Roberto Webler – Então quer dizer que o senhor teve uma vivência mística.

Ana Lúcia Cordeiro – Interessante! Isso eu não sabia.

Luiz Felipe Pondé – Quase ninguém sabe.

Ana Lúcia Cordeiro – Professor, como o senhor avalia esses seminários de mística promovidos pelo PPCIR, sob a coordenação do professor Faustino, aqui em Juiz de Fora?

Luiz Felipe Pondé – Esse seminário começou em 2000. Eu conheci o Faustino numa reunião, eu acho que da AMPTER, na PUC do Rio Grande do Sul. Eu conhecia o Faustino de nome, mas nunca tinha visto ele. E o Faustino vinha do mundo da Teologia, o que para mim não significava absolutamente nada. Não significava nada não no sentido de que não era importante, mas não significava nada no sentido de que eu não tinha referência. Ele é um teólogo herdeiro do Libânio. Isso não significava nada para mim na época. Hoje significa porque eu acabei aprendendo esse repertório. Mas na época, eu sabia que o Faustino era um cara importante na área de Teologia e Ciência da Religião. Eu o conheci, então, nessa reunião na AMPTER e a gente discutiu nessa reunião a área e a epistemologia. E aí, eu me lembro bem, eu estava em Tel Aviv fazendo o pós-doutorado, a minha mulher me ligou. Eu ia e voltava, durante um ano eu fiquei indo e voltando. Ficava um mês lá, voltava, ficava uma semana. Um inferno! Eu me lembro. E uma vez ela me ligou, eu lembro claramente, eu estava assentado na cozinha e ela disse: “Olha, um tal de Faustino ligou querendo que você escreva um texto e vá participar de um evento”. Aí eu comecei a escrever lá, o texto que saiu nesse livro vermelhinho, que é um texto sobre a epistemologia, o qual Faustino citava ontem na nossa conversa à noite. E aí ele resolveu fazer uma reunião aqui sobre Ciência da Religião e epistemologia. Eu acho que na realidade o Faustino foi muito intuitivo, muito certo. Eu estive aqui, eu discutia epistemologia, o livro discute a epistemologia das controvérsias, que foi o tema que eu fiz no pós-doutorado, o tema das controvérsias. Por isso eu estava em Tel Aviv, porque o criador desse tipo de epistemologia é professor na Universidade de Tel Aviv. Então eu vim aqui e fiz uma discussão sobre epistemologia, sobre

controvérsia, e eu lembro que, ao contrário do texto, eu fiz uma discussão extremamente dura, do ponto de vista da controvérsia e da epistemologia. Eu lembro que o Dreher estava assentado na minha frente e eu lembro que o meu discurso foi absolutamente contrário à fenomenologia. Propositadamente, eu fiz uma fala que era diferente do texto que eu tinha entregado para ele. Só que esse texto eu entreguei algum tempo depois. Ele não estava absolutamente pronto. E a minha intenção é porque eu sempre achei que é importante que a gente conheça aquilo que é contrário ao que a gente pensa. Porque você não pode simplesmente pensar algo só porque é agradável. E aí, foi assim que começou. Eu achei o ambiente muito bom, a qualidade dos alunos, os professores. Naquela época os professores de filosofia estavam aqui: o Dreher, o Paulo... Não, eu acho que o Paulo Afonso ainda não tinha chegado. Estava o Gross, estava o Zwinglio...

Ana Lúcia Cordeiro – O Marcelo Camurça estava.

Luiz Felipe Pondé – O Marcelo estava. Eu lembro que quando eu entrei, quando a gente chegou aqui, ele estava falando. O Faustino estava, é claro. Tinha muitos alunos. Estava a Fátima também. E eu achei o ambiente muito bom.

Ana Lúcia Cordeiro – Estava o professor Mendonça.

Luiz Felipe Pondé – É, o Mendonça estava também. Então, assim... Eu tinha ficado na universidade como aluno durante muitos anos, em dois cursos diferentes. Mas a experiência como professor na universidade, na pós-graduação, era uma experiência recente. Eu comecei na PUC pela pós. Até hoje eu só tenho uma turma na graduação, aquela coisa de trinta horas na pós e dez na graduação. Desse modo, eu não tinha ainda muita experiência em 2000. Eu tinha começado em 97, com três anos eu era absolutamente um neófito. Mas eu já tinha começado a perceber que o ambiente da academia nem sempre é tão dócil, não é? Que é muito agressivo. Na época eu já começava a suspeitar disso. E eu achei o ambiente aqui muito bom. Eu achei que o Faustino tocava a coisa de um jeito muito intenso, mas ao mesmo tempo muito agradável. Aí ele me chamou para fazer em 2001, quando terminou o seminário de 2000, ele falou: “Vamos fazer um seminário de mística mal-comportado?” Eu tinha usado esta expressão na minha sala: bem-comportado, mal-comportado. E eu pensei: esse cara está pensando

que eu vou fazer um seminário mal-comportado? Porque ele deve ter percebido de alguma forma, porque eu falava de mística em alguns momentos, falava do mestre Eckart, ele deve ter percebido de alguma forma que o que me interessava era a relação entre formação filosófica intelectual e a absoluta certeza da existência de Deus. Ele deve ter percebido de alguma forma, sei lá, intuitivamente. Porque ele não poderia ter lido, eu não tinha escrito quase nada na época. Então eu acho esse seminário, e eu tenho trazido meus alunos para cá, um verdadeiro oásis na vida acadêmica, para estudar esse tipo de assunto.

Ana Lúcia Cordeiro – Certo. Então, voltando a esse encontro de 2000, nesse encontro foram discutidas questões relativas também a afirmação da Ciência da Religião, ou Ciências da Religião, como um campo de estudos e pesquisa no Brasil. Qual a sua avaliação a respeito dessa área acadêmica no Brasil hoje?

Luiz Felipe Pondé – Eu acho que é uma área em expansão. Eu acho que ela tem tudo para ter sucesso. Eu acho que ela tem duas dificuldades pontuais. Uma é a que a gente falava ontem à noite: eu acho que ela pode ser destruída por determinadas correntes que são absolutamente intolerantes do ponto de vista epistemológico e, eu penso, absolutamente enganadas. Porque a tentativa de dizer que a Ciência da Religião é só filosófica, axiológica, ou que a Ciência da Religião é só empírica, sociológica, eu acho que isso aí não só é falso epistemologicamente como é mentira empírica, é falso. Você pode ter pessoas que atuam de forma mais voltada para a filosofia, mais em diálogo direto com a teologia, ou numa pesquisa mais absolutamente empírica, estatística. Você vai encontrar isso em vários lugares, não é? Eu acho que isso é muito casuístico, no sentido de que depende muito da história do departamento aonde ela nasceu. É uma ciência razoavelmente nova e... A relação com a religião, como eu dizia ontem, é complicada. O mundo moderno, o mundo científico, ele foi construído em grande parte em oposição à religião, pelo menos ao cristianismo. E ao judaísmo em alguma medida, que também faz parte do Ocidente. Então, é uma ilusão achar que o método científico moderno, empírico, indutivo, dedutivo, pode conviver bem com a religião, que fala de certezas não empiricamente verificáveis, variáveis, sem controle epistemológico. Então, eu acho que um problema que pode vir a criar

muitos problemas para a área é esse conflito interno entre pessoas que claramente aceitam a multiplicidade metodológica e pessoas que radicalmente não aceitam por interesses absolutamente políticos. Eu acho que tem um discurso que é: “Temos que fazer uma definição do perfil para garantir o mercado profissional no futuro”. Esse discurso está ligado a um outro problema, que eu acho que é o segundo que a área tem que enfrentar, que é a falta de graduação em Ciência de Religião. A falta de graduação em Ciência da Religião é um problema para a área porque, de alguma forma, ela fica sempre parecendo que faltam as pernas e ela se alimenta de várias áreas. Eu acho que o grande embate político pseudo-epistemológico – porque eu chamo isso de pseudo-epistemológico – vai se dar na realidade na hora em que a gente conseguir se organizar para montar graduações. Aí vai se dar o grande embate pseudo-epistemológico. Eu acho que é importante ter graduações. Eu acho que você pode muito bem ter o perfil de um profissional que contempla desde a discussão confessional-teológica até a discussão da relação entre religião e ciências duras. Você pega, por exemplo, dois profissionais: pega o Marcelo Camurça e pega... O que esteve no seminário no ano passado, amigo do Faustino, do Museu Nacional?

Ana Lúcia Cordeiro – Otávio Velho.

Luiz Felipe Pondé – Otávio Velho. Você pega dois antropólogos, quer dizer, dois profissionais de ciências sociais que são absolutamente conscientes do diálogo que existe entre as várias áreas da Ciência da Religião. Você pega Mendonça, que é um sociólogo também, ainda que tenha feito graduação em filosofia, mas toda a formação dele foi na sociologia, ele trabalha com sociologia, que também é consciente. Eu estive recentemente numa conferência de teologia e filosofia da religião em Granada – da Universidade de Cambridge, mas foi em Granada –, e o teólogo John Milbank virou para mim e disse: “Olha, essa discussão da exclusão da filosofia e da teologia pelas ciências sociais e religião, isso é uma coisa velha”. Ele dizia para mim agora em setembro: “Isso é claramente um problema político, briga interna”. Porque qualquer pessoa sabe que você tem tantos objetos, a religião é um objeto tão complexo, que a idéia de que só pode ter uma área é evidentemente política. A tentativa, por exemplo, de definir a religião como objeto

social é algo claramente metafísico. Porque a religião é social, assim como ela é literária, assim como ela é teológica, assim como ela é filosófica. Não é só social.

Paulo Roberto Webler – É uma redução muito grande.

Luiz Felipe Pondé – É uma redução muito grande, mas com interesse político. Então, apesar disso tudo, eu acho que a tendência da área é crescer. Porque a religião cresce como problema, como realidade, como experiência. Agora, uma coisa que a mim interessa especificamente é exatamente o diálogo entre a religião, que na realidade é mediado pela mística, e a filosofia, no intuito de recuperar uma coisa que deixou de existir, que é a religião inteligente.

Paulo Roberto Webler – O que seria essa religião inteligente?

Luiz Felipe Pondé – É o diálogo entre a filosofia e a teologia racionalmente articuladas e a consciência da existência da presença de Deus. Esse diálogo que existiu muito na Idade Média e que simplesmente desapareceu, o que fez com que a religião acabasse só tendo uma dimensão menos racionalmente elaborada.

Paulo Roberto Webler – Agora uma outra pergunta, que é uma certa continuação da pergunta anterior; uma questão que também está próxima da reflexão que foi feita pelo senhor naquele seminário: a comunidade de pesquisadores na área da religião, no Brasil e no exterior, tem prestado mais atenção à questão epistemológica nos seus estudos?

Luiz Felipe Pondé – Bem... Essa questão epistemológica surgiu para mim como fruto da minha trajetória pessoal: formação em epistemologia, formação em medicina, formação em psicanálise, que também produz ceticismo com relação à religião, e experiência religiosa radical. Para mim isso se transformou num problema. Não um problema no sentido de que eu dizia: “Será que é Deus ou eu estou tendo uma ilusão?” Para mim nunca surgiu essa dúvida. A minha questão era: como é que eu coloco lado a lado essas duas coisas? Então, o meu interesse pela epistemologia da Ciência da Religião surgiu de uma história pessoal. Agora, do ponto de vista da história da Ciência da Religião, essa crise epistemológica contínua surgiu da própria discussão interna às chamadas *Geisteswissenschaften*, as ciências do espírito, e, a introdução do positivismo no meio, a crítica da superstição religiosa, ou seja, o próprio seio das ciências humanas, e a religião

como um problema mais essencial da crítica. Depois, ela acaba se constituindo na medida em que a profissão do cientista em ciências humanas vai se configurando institucionalmente. Vão aparecendo os interesses de poder, econômico, de verbas, não é? Outra coisa é a briga interna com a teologia, que, de fato, sempre aconteceu. A teologia hoje pode ser simpática, mas a cento e cinquenta anos atrás era extremamente violenta. Não era óbvio você encontrar um teólogo com a cara do Faustino. Mês passado eu estava dando uma aula dentro da comunidade judaica para umas senhoras e para alguns moços, senhoras jovens, de trinta ou quarenta anos, e eu estava discutindo isso que o Alexandre Leone estava falando, da dialética dentro do Talmude, e algumas delas ficaram revoltadas comigo porque disseram que eu estava pondo em dúvida o caráter sagrado da Torá. Então, é evidente que a separação da confessionalidade é fundamental para você trabalhar com religião, do ponto de vista científico. Eu acho que a crise da epistemologia é natural dentro da Ciência da Religião. O que eu tendo a concordar com Milbank é que achar que essa crise significa a exclusão institucional de determinadas áreas, essa exclusão me parece cultura política. Então não me parece real.

Paulo Roberto Webler – Professor, vamos então passar para uma outra pergunta. Ela seria relativa ao último artigo que o senhor publicou na *Folha de São Paulo*, em 29 de outubro, que foi “Criacionismo x Darwinismo”. Nós achamos muito interessante a reflexão que foi feita sobre as limitações do conhecimento científico e, assim, perguntaríamos: como podemos imaginar a presença da religião, e mesmo a questão ética, nesse mundo onde os avanços da ciência são cada vez mais impressionantes, como, por exemplo, no caso da engenharia genética, que vem prometendo uma vida cada vez mais longa e um domínio sempre maior da natureza?

Luiz Felipe Pondé – É interessante que depois desse artigo eu recebi alguns e-mails, e inclusive textos na própria *Folha de São Paulo*, de pessoas iradas comigo, muito revoltadas. A algumas delas eu respondi por e-mail e estabeleci um certo debate. É interessante porque quando você atua na mídia você constrói uma imagem de pessoa que tem a ver com o que as pessoas entendem dos artigos ou

com uma certa linearidade que as pessoas parecem construir sobre você. Então, assim, esse artigo do criacionismo e do darwinismo foi um artigo de pauta, como a gente diz, quer dizer, não fui eu que escolhi o artigo, foi um artigo do jornal. Num artigo de pauta é claro que você vai dar sua opinião, mas não é você quem escolhe o tema. Então a pauta era: “Olha Pondé, você tem que pôr os dois lado a lado como se fossem dois cachorros mostrando os dentes, um na frente do outro”. E você tem 3.400 toques totais para fazer isso, o que é uma realidade do jornal. Quando o cara te dá 5.000 toques totais ou 10.000, não sei... 10.000 toques totais nem se você estivesse grávida não teria. (*risos*) Então, tem essa coisa. O tema é um tema urgente, quer dizer, a pauta era consistente porque é um tema importante, não é? Mas o que acontece é que às vezes as pessoas acabam construindo uma imagem sua. Eu estive recentemente num debate sobre Jerusalém e Atenas, as suas raízes na tradição ocidental, e um dos mais importantes editores da *Folha*, portanto de dentro do jornal, no final do debate ele veio conversar comigo e ele disse: “Olha, você é um cara muito legal, muito simpático, eu nunca poderia imaginar, eu achava que eu iria encontrar um super inquisidor”. (*risos*) Muitas pessoas que leram esse meu artigo têm uma idéia assim. Um deles, com quem eu estabeleci um debate por e-mail, acabou tomando um susto quando eu falei para ele que normalmente as pessoas se identificam como darwinistas. Eu conheço os darwinistas muito. Eu já dei curso de darwinismo, eu acho o darwinismo uma teoria extremamente elegante. Eu não tenho nenhum preconceito contra o darwinismo. Aí é que está. Existe um preconceito quando vão imaginando que você é de alguma forma religioso, no sentido de que você tem absoluta certeza da existência de Deus, ou que a única certeza que você tem é de que Deus existe e que o resto todo é passível de dúvida cética. Então, quando você vai falando é normal as pessoas terem uma caixa onde elas colocam assim: “Fulano é religioso, então ele deve ter problemas para aceitar isso, aceitar isso, aceitar isso, ele deve achar que isso é um horror”. É muito engraçado porque, como eu dizia, por exemplo, ateísmo, a discussão sobre ateísmo, a idéia de que o ateísmo causa medo religioso para mim é uma conversa de fada: “Não, se Deus não existir os religiosos vão entrar em pânico”. Ou o

darwinismo, por exemplo, que eu acho, e que eu digo no texto inclusive, que é a única forma de ateísmo sério, no sentido de que ele quer atacar o próprio princípio da idéia de *designer* inteligente do universo. Só que naquele artigo, aparece também o criacionismo, o que me pareceu importante porque as pessoas têm a idéia de que criacionista é crente, sabe? Mulher de saia comprida e homem com a Bíblia na mão. E que é uma idéia absolutamente idiota. Mas isso tem a ver muito com o preconceito acadêmico. A idéia que a gente tem de que as pessoas que questionam o darwinismo são todos uns idiotas. Isso é idiota. Eu acabava de vir dessa conferência em Granada, onde eu tinha assistido a uma conferência de um biólogo de Cambridge, na qual ele discutia a falta de evidências que o darwinismo tem. Então, assim, o darwinismo é uma teoria de razoável razoabilidade especulativa, extremamente elegante no sentido que ele é muito curto como enunciado. Ele tem aquela fórmula básica do Occam, quer dizer, quanto mais curto é um enunciado e quão mais capaz ele é de cobrir as experiências que existem, mais elegante ele é. E uma das coisas que me atrai no darwinismo é a elegância do enunciado epistemológico. Mas eu queria mostrar no artigo que o darwinismo, contrariamente ao que o senso comum científico pensa... E o senso comum científico aparece com a cara de uma pessoa com uma formação erudita média, que entende razoavelmente ciência, que tem algum trauma com a Igreja Católica na infância, como quase todos os católicos têm. E aí ele atende ao fetiche da burguesia. É um fetiche do homem moderno. Como se tudo que a ciência fala é verdade ou que a ciência tem absoluta certeza do que ela conhece. Agora, eu quis atacar o senso comum científico. Isso eu de fato quis. Eu não precisava fazer, mas eu quis atacar. Porque eu quis atacar essa idéia de que a gente de fato saiba mais do universo do que o Aristóteles. É claro que a gente sabe um monte de conhecimentos sobre o universo. Mas que a gente saiba da onde vem o universo? A gente não sabe. Então, só acredita na ciência de uma forma assim quem não conhece ciência.

Paulo Roberto Webler – Eu fiquei pensando até no Richard Dawkins...

Luiz Felipe Pondé – É, o Richard Dawkins é aquele tipo de pessoa que... Eu acabei de dar um curso de darwinismo na Casa do Saber, e vou dar outro na

semana que vem, em São Paulo, e o Dawkins era uma das minhas bibliografias básicas. Porque o meu curso é de darwinismo ortodoxo. Então quem vê esse curso sai com a impressão: “Putá, o Pondé é um puta dum darwinista!” (*risos*) Porque o Dawkins é aquele tipo de pessoa que gosta de sentar ao lado de senhoras cristãs no jantar e ficar infernizando elas. Botando em dúvida as certezas que elas têm sobre religião. (*risos*) Agora, ele é um cara que explica darwinismo de uma forma extremamente didática. Se bem que acho o Dennett melhor que ele. Muito mais filosófico, não é? Mas, assim, ele não é filósofo.

Paulo Roberto Webler – O Daniel Dennett?

Luiz Felipe Pondé – É, o Daniel Dennett. Então, o foco daquele artigo, que eu quis adicionar além das outras discussões, era criticar essa coisa que eu acho, assim, muito boba, que é a idéia de que: “Eu me curei da crença em Deus, e eu acredito na ciência”. Eu só vejo dois tipos de pessoas que acreditam plenamente na ciência. Ou aquelas que não conhecem a ciência, não sabem como a ciência é confusa. Porque na realidade o grande sucesso da ciência é a tecnologia. Por isso que a medicina é a ponta da ciência. E, é claro, avião, computador, essa parte tecnológica. A medicina é o grande sucesso da ciência. Sem entrar no debate, por exemplo: em que medida a psiquiatria cresce porque está dando remédios para as pessoas serem mais eficazes, quando a vida deixa todo mundo doente; porque você tem que ser tão eficaz que todo mundo adocece; mas é porque a psiquiatria ganha dinheiro com a indústria psico-fármaco, e o psiquiatra não está nem aí para isso... Sem entrar nesse problema, não há dúvida de que a medicina parece ser um sucesso. E outro tipo de pessoa que me parece que acredita na ciência é aquele tipo de soldado raso da ciência, que trabalha no laboratório mexendo em tubo de ensaio. Ou mexendo com um vírus, um único vírus. E ele sabe plenamente que hoje ele sabe um milímetro e meio a mais sobre aquele vírus do que ele sabia há dois anos atrás. E ele sabe mesmo. Não é? Então eu acho que esse é o outro tipo de pessoa que acredita plenamente na ciência. Ou é alguém que não conhece a ciência, do ponto de vista da estrutura epistemológica, da história dela, de como ela funciona no plano real, de como ela é rasgada por interesses que desviam a pesquisa, de como têm objetos que não cabem dentro

dela, o que qualquer pessoa, qualquer cientista grandioso sabe. Ou é o cientista soldado raso, aquele que obedece a ordens dentro do laboratório.

Paulo Roberto Webler – Uma última pergunta professor Pondé. Além dessa questão importantíssima, que é a questão epistemológica, quais são as principais dificuldades nos estudos da Filosofia da Religião?

Luiz Felipe Pondé – Fora à questão epistemológica? Eu acho que a Filosofia da Religião, a filosofia contemporânea, assim como toda a era moderna contemporânea, ela se constituiu como uma suposta crise sistemática à religião. Então, a Filosofia da Religião de certa forma foi considerada como morta. Morta porque a filosofia se constituiu ela mesma paulatinamente, grosso modo, a partir do século XIII, na Paris, da Sorbonne do século XIII, a partir da reflexão do Aristóteles, a separação entre filosofia e teologia e a autonomia da filosofia com relação à teologia. Quer dizer, um longo processo que acabou, não só separando a filosofia da teologia como colocando a teologia em dúvida. Então, eu acho que uma das dificuldades é esse preconceito, o que aparece claramente. Aqui no Brasil, por exemplo, que tem uma formação francesa, você não tem Filosofia da Religião na USP, não tem Filosofia da Religião no Departamento de Filosofia da PUC, não tem Filosofia da Religião na UNICAMP. Onde que tem Filosofia da Religião? Na Ciência da Religião da PUC, que sou eu, na Filosofia da UNB, porque tem um professor que fez doutorado em Oxford em Filosofia da Religião, e aqui em Juiz de Fora, na Ciência da Religião. A gente fez o primeiro congresso na UNB ano passado e veio muita gente interessada. E vamos fazer o segundo na PUC Minas, agora em 2007. Então, a primeira dificuldade é essa, que a realidade institucional apresenta claramente: não tem departamento com estudo em Filosofia da Religião. E isso daí é por conta de que a Filosofia da Religião parecia morta. Depois, uma outra dificuldade que eu acho que a Filosofia da Religião pode enfrentar são as políticas internas a ela, como sempre: “Só a minha Filosofia da Religião é importante, a sua não é”. Eu acho que isso é uma das coisas que mais me aproxima do Faustino. Apesar de que ele tem uma formação teológica e eu tenho uma formação filosófica epistemológica, ele tem uma formação teológica e tem simpatia por uma série de autores e eu tenho simpatia por uma outra série de

autores, mas, eu vejo que para mim e para ele é muito clara a idéia de que o fundamental é você deixar que o outro pense o que ele pensa. Entendeu? E não importa o que o outro pensa, você debate, você discute, mas, metaforicamente, você tem que deixar o outro pensar o que ele pensa. E se Deus lhe ajudar bastante você consegue até tomar cerveja com ele depois da discussão. (risos) Então, eu acho que esse é um problema: “A minha Filosofia da Religião é verdadeira, a sua não é, a dela também não é, ou o contrário”. Aí isso acaba complicando o perfil. Eu tenho uma tendência a pensar que talvez isso não aconteça pelo fato de que as pessoas que estão levantando isso, que é o Agnaldo da UNB, o Dreher, o Paulo Afonso, o Gross e eu, são pessoas que se conhecem. O Agnaldo não conhecia o pessoal daqui. Eu apresentei o Agnaldo para eles. Porque eu conheci o Agnaldo separado, num evento que eu fui na UNB há dois anos atrás. Então, como a gente já tem um convívio, um conhece o outro razoavelmente bem, e a gente tem envolvimento com a Ciência da Religião, eu tenho a idéia de que isso não vai acontecer com a gente. Porque cada um tem um trabalho específico, mais para cá e mais para lá. Você tem a filosofia alemã, eu tenho uma filosofia muito mais claramente mística, herdeira seja do judaísmo místico seja do cristianismo ortodoxo e do agostinismo. O Agnaldo tem uma filosofia marcada pela matemática, pela probabilidade, pela formação de Oxford que ele teve: matemática e religião. E assim, do lado de fora do Brasil, a Filosofia da Religião, ela vai bem obrigado. No mundo anglo-saxão ela nunca desapareceu. No mundo alemão ela nunca desapareceu. Ela desapareceu no mundo francês. E como a gente é filho do mundo francês, aqui no Brasil, aqui na universidade, então aqui ela desapareceu. Por exemplo, agora eu estava numa conferência em Cambridge, o debate lá é super rico. Então quando você pergunta a dificuldade que a Filosofia da Religião pode enfrentar, eu acho que a dificuldade que ela pode enfrentar é o preconceito da área de filosofia. Mas, por exemplo, a gente fez um GT e nós fomos bem recebidos na ANPOF, como eu dizia, a capela estava cheia, tinha um monte de gente na sala para ouvir a respeito de filosofia da religião, que pode sofrer também pelos problemas da área de Ciência da Religião. Agora, eu acho que o universo em termos de campo está aberto. Muitos alunos interessados

no assunto. É gente de nível de graduação, muita gente interessada. É isso, eu acho que a vocação da Filosofia da Religião é ser desafiada pela experiência religiosa que pessoas com formação filosófica tem, como Herschel fala, o Herschel fala isso. O Alexandre e a Glória não tocaram nesse assunto especificamente, mas o Herschel fala isso muito claramente, quer dizer, a vocação da Filosofia da Religião é ser desafiada por pessoas que têm formação filosófica e têm experiências religiosas muito contundentes. Então a filosofia é desafiada por isso. E ao mesmo tempo, a vocação dela é tornar a religião mais conceitualmente articulada. Para mim não há dúvida de que existem formas distintas de vida religiosa. Existe uma forma específica de vida religiosa, que é uma vida mais simbólica, e eu estou pensando em Pseudo Dionísio, o Aeropagita. Existe uma vida religiosa que é mais especulativa. Existe vida religiosa que é negativa e mística, que é mais alta. E na realidade o que une todas três é a atividade intelectual do ser humano. A capacidade que o ser humano tem de pensar. Sendo que a mística é a mais alta, por causa da dificuldade da linguagem. Então, eu vejo também que há uma vocação da Filosofia da Religião que é dar conceito para a religião.

Ana Lúcia Cordeiro – Bem, professor, muitíssimo obrigada.

Luiz Felipe Pondé – Foi um prazer.